



Tal como a fênix...

Sim, amigos, tal como a fênix do brasão de Campinas, renascida das próprias cinzas, — sugestivo símbolo da progressista cidade que sobreviveu à fúria anárquica que a dizimara e despovoara no início do século —, assim eu vi “Os Músicos de Campinas”, vítimas da injustiça do Poder Público, despojados de seus direitos, impedidos de prosseguirem na enaltecedora missão que há meio século vinham desempenhando com amor e galhardia, oferecendo boa música ao povo campinense, criando, formando, e conservando, apesar de todas as inúmeras dificuldades, uma Orquestra Sinfônica, impondo-se perante a opinião pública, assim, comovida eu vi domingo último, durante a missa de primeiro aniversário de morte de Reinaldo Prestes, o maravilhoso renascimento do conjunto orquestral, sob a batuta de maestro Luisinho, tocando no início, no Ofertório, na Comunhão e no final do ofício divino, com a mesma compungida unção, o desmedido amor, a indestrutível fibra, transformando-os, de mártires de uma nobre Causa, em seus legítimos Heróis.

Sim, senhores; Heróis!

Não há exagero na afirmativa. Uma decisão que poderia ser causa da morte desses artistas, cuja razão de viver foi, é e será sempre a música, ao invés de abatê-los, de deixarem-se prostrar por terra ante a injustiça e a desumanidade com que foram tratados, eis que mais uma vez se aglutinam em torno da figura legendária de seu maestro, o jovem septuagenário Luís Di Túllio, e, como a fênix do nosso brasão, ressurgem mais vivos ainda das cinzas do que lhes restou da sua Orquestra querida, e vêm dar aos jovens uma vibrante e salutar lição de tenacidade e amor à Arte, recomeçando no termo final da existência, aquilo que em seu decorrer alcançara o clímax.

E foi de comover até às lágrimas a visão daquele homem bom, marcado pelo peso dos anos, das lutas e das injustiças, à frente dos seus músicos, igualmente grandes e nobres, sensíveis e dóceis ao comando do regente, compenetrados, vivendo através da música a derradeira página de suas dignificantes vidas, mostrando aos jovens elementos que a eles se juntaram para a merecida homenagem a Reinaldo Prestes, que a vida do verdadeiro artista é feita de dedicação e renúncias, perseverança e um indestrutível amor à sua Arte, sem o que ela não sobreviverá.

Analisando atentamente as expressões de cada um em particular, e o efeito musical de todo o conjunto, senti como nunca, que a essência da verdadeira música não está somente no virtuosismo dos executantes, na sua possível perfeição técnica, mas na pureza de alma, na humildade quase anuladora da pessoa física, para que a alma possa falar pelos instrumentos, vibrar em cada nota, em cada compasso, em cada frase, transmitindo todo o complexo subjetivo, miraculosamente uno em todo o conjunto, alcançando assim o público que assimila, vibra e se sensibiliza igualmente em uníssono com os executantes.

A igreja de Nossa Senhora de Lourdes, no Guanabara, do nosso querido Pe. Giordano, repleta de fiéis, assistiu domingo último, comovida, a dois sublimes sacrifícios renovadores: o da santa missa, renovação do

suplício de norte e ressurreição de Cristo por alma de Reinaldo Prestes, morto em seu posto de administrador e instrumentista, no enregelante Centro de Convivência Cultural, durante um dos exaustivos ensaios da agora desmantelada Orquestra Sinfônica Municipal, e do ressurgimento da nova Orquestra de Câmara, composto de 18 elementos, sob a regência do maestro Luisinho os quais, “sem visar remuneração alguma, almejam apenas cultivar a Arte, executando obras musicais que exigem finezas especiais na sua apurada execução, embora sem possuir a grandiosidade de uma Orquestra Sinfônica”.

“Esta nova Orquestra está integrada pelos seguintes instrumentos: 4 primeiros violinos, 4 segundos violinos, 2 violas, 2 violoncelos e um contrabaixo, isto no naipe das cordas.

Segundo a exigência das partituras, contará ainda com o quinteto de sopros, composto de uma flauta, um oboé, uma clarineta, um fagote e uma trompa. Completará o conjunto, quando necessário, o prof Mário Di Túllio, atuando ao piano, cravo ou órgão eletrônico.

Essa Orquestra de Câmara, como o próprio nome indica, destina-se a execuções artísticas em ambientes acolhedores, como auditórios, salas de concertos, igrejas, escolas, grêmios literários e artísticos, podendo-se deslocar facilmente para outras cidades.

“Os “Músicos de Campinas” pretendem, sem qualquer intuito de lucro, fazer boa música e levar mensagem sonora onde quer que sejam convidados a fazê-lo, procurando tornar-se uma parcela da vasta e afamada realização cultural de nossa cidade.” (O que desde longa data tem sido, aliás).

Campinas precisa prestigiar os músicos de sua cidade, aqueles que aqui nasceram e desenvolveram seu trabalho anônimo, a quem deve tudo o que de grandioso e perfeito possa ser realizado no presente e no futuro, porque não se pode construir sem alicerces, e ninguém poderá negar que foram esses músicos, hoje desalijados de seus postos e de suas funções, os heróicos plantadores dos sólidos alicerces sobre os quais hoje se pretende construir o novo edifício sinfônico de Campinas, que esperamos, esteja à altura das gloriosas tradições por eles legadas, para que não venhamos a chorar lágrimas de arrependimento, nem precisemos repetir com o dedo em riste a célebre frase: “Eu acuso!”

A temporada musical está sendo anunciada e esperamos seja ela magnífica, para o aplauso de toda a cidade.

Para o aplauso, sim. Para a justificativa, nunca! Porque nada justifica um ato de injustiça, embora seja este tão galhardamente sobrepujado pelos nossos velhos e queridos músicos.

Para satisfação nossa, podemos repetir com Léa Ziggiatti, que a eles dedicou toda uma página no “C.P.” de domingo último:

“Por favor, não mandem flores!” Nossos músicos e nossa Orquestra estão vivos! Bem vivos, graças a Deus! Tal como a fênix, ressurgiram de suas próprias cinzas! Aleluia!